

**As Origens Cristãs e a Ressurreição de Jesus:
A Ressurreição de Jesus como um Problema Histórico**
(Originalmente publicado no *Sewanee Theological Review* 41.2, 1998)
N. T. Wright

Prólogo

A Questão da Ressurreição de Jesus se encontra no centro da fé cristã. Não há forma de Cristianismo primitivo, por nós conhecida, que não afirme que após a morte vergonhosa de Jesus, Deus o trouxe de volta à vida. Esta afirmação é, em especial, a resposta constante do Cristianismo primitivo para uma das quatro questões sobre Jesus que devem ser levantadas por todos os historiadores sérios do primeiro século. Eu tratei em outras ocasiões das primeiras três questões, a saber, qual era a relação entre Jesus e o Judaísmo? Quais eram suas metas? Por que ele morreu?¹ A quarta questão é esta: considerando as respostas anteriores, por que o Cristianismo surgiu e tomou a forma que tomou? Para esta questão, virtualmente todos os primeiros cristãos que nos são conhecidos dão a mesma resposta, “Ele ressuscitou dentre os mortos”. O historiador deve então investigar o que eles queriam dizer com isto e o que pode ser dito como comentário histórico.

Nesta primeira palestra, eu examinarei a questão histórica geral. Eu o farei ao esboçar as crenças sobre a ressurreição mantidas dentro do Judaísmo do Segundo Templo, e então, olhando a forma do Cristianismo primitivo, examinar como o último movimento surgiu do primeiro. Na segunda palestra nos aproximaremos de parte da evidência detalhada ao examinar as afirmações do movimento cristão primitivo como refletidas em textos chave. Na palestra final, proponho usar uma narrativa de ressurreição particular, a de Lucas, como um ponto inicial para fazer a pergunta: O que teria a dizer a mensagem da ressurreição para o mundo e para a igreja ao enfrentarmos o desafio pós-moderno nos anos finais do segundo milênio? As três palestras funcionam então da seguinte maneira: nesta palestra, esboçarei um grande quadro das origens cristãs e argumentarei que apenas a ressurreição corporal de Jesus pode explicá-las. Na segunda, examinarei os textos detalhados que falam deste evento. Na terceira, irei da Estrada de Emaús no primeiro século para a “Dover Beach” de Matthew Arnold nos séculos dezenove e vinte.

Meu tema para o momento, então, é apresentar o argumento histórico que resulta de olhar, por um lado, para o Judaísmo do primeiro século, e, por outro, para o Cristianismo do primeiro século. Nós nos vemos, por assim dizer, contemplando dois pilares, um em cada lado de um largo rio. Ao estudar ambos pilares e o relacionamento entre os mesmos, devemos ser capazes de pensar cuidadosamente em que tipo de ponte poderia de fato uni-los. O Cristianismo surgiu do Judaísmo, mas como isto aconteceu? Como chegamos de uma à outra margem do rio?

¹ Ver N. T. Wright, *Christian Origins and the Question of God*, vol. 2: *Jesus and the Victory of God* (London: SPCK; Minneapolis: Fortress, 1996).

A Ressurreição como Entendida no Judaísmo do Segundo Templo

Como a esperança da ressurreição funciona dentro da visão de mundo do Judaísmo? E onde se encontra a ressurreição dentro das crenças do Judaísmo do segundo templo sobre a vida após a morte em geral?

A esperança da ressurreição começou no Judaísmo não como um dogma mas como uma estória – a estória do exílio e da restauração de Israel. A primeira passagem óbvia onde a encontramos é Ezequiel 37:1-14, a visão do vale de ossos secos. Lá a esperança da restauração de Israel é expressa em termos de um metáfora vívida, quase surreal, de ossos secos voltando à vida, adquirindo carne, nervos e por último fôlego. O contexto torna claro que esta imagem denota o retorno do exílio; também, pelos capítulos anteriores, configura uma série de conexões, como resgate, purificação e (especialmente) renovação da aliança. O mesmo é verdade, pode-se argumentar, daquela passagem difícil de Isaías 26:16-21. A ressurreição inicia sua vida, em outras palavras, como uma metáfora para o retorno do exílio e tudo o que acompanhava esta esperança de Israel.

Mas a estória como contada pelos judeus do Segundo Templo até os dias de Jesus e além nunca sugeriu que o verdadeiro retorno tivesse realmente acontecido. Ninguém considerava que as profecias de Isaías ou de Ezequiel tivessem se cumprido. Judeus do Segundo Templo ainda viviam dentro do mundo da narrativa de exílio e restauração. Dentro desta narrativa, o *exílio* se concentrou em certos momentos no sofrimento dos mártires, e a *ressurreição* se concentrou em sua vindicação. Neste contexto, nós devemos colocar Daniel 12 e, em especial, 2 Macabeus, com suas narrativa desagradável dos mártires que irritavam seus torturadores ao assegurar-lhes que eles, os mártires, receberiam de volta do deus de Israel os corpos físicos que naquele momento estavam sendo despedaçados (e. g., 2 Macabeus 7:1-23).

Isto é um desenvolvimento – não abandono – do mundo metafórico de Ezequiel 37. O exílio continua, e no início do segundo século* tomou a forma da opressão brutal pelo paganismo sírio. A esperança então era que o Deus de Israel restauraria seu povo, e que aqueles que morressem na batalha, leais a Ele e à sua Torah, seriam ressuscitados dentre os mortos para compartilhar a restauração final. Isto também, após a queda de Jerusalém em 70 AD ter intensificado a sensação de exílio quase insuportavelmente, encontramos 4 Esdras articulando uma esperança similar. O mesmo é verdade, qualquer que seja a data que lhes atribuímos, de 1 Enoque e 2 Baruque. Subjacente a todas estas estórias, é claro, está a crença judaica inabalável na justiça do único Deus verdadeiro.

Dois detalhes importantes devem ser mencionados aqui. Primeiro, sabemos de Josefo (War 2:163; Ant. 18:14) e do Novo Testamento (Atos 23:7-8) aquilo que poderíamos ter deduzido dos rabis posteriores, a saber, que a ressurreição era uma característica importante da teologia farisaica. Mas devemos nos lembrar que nos dias de Jesus e de Paulo a maioria dos fariseus era da ala que chamaríamos de ala

* antes de Cristo - Nota do tradutor

revolucionária do Judaísmo, ansiosa pela restauração de Israel². Ressurreição funcionava para os fariseus, não como uma doutrina abstrata sobre o que acontece ao povo de Deus (ou a qualquer pessoa) após a morte, mas como um postulado da grande reviravolta da situação de Israel que em breve aconteceria e sobre o fato de que quando isto acontecesse, aqueles que tivessem sido leais à Torah, mas que tivessem morrido antes da hora, seriam levantados para participar das bênçãos da Era Vindoura. A crença farisaica, em outras palavras, deve ser vista como um desenvolvimento da mesma estória subjacente que vemos em Daniel e 2 Macabeus.

O segundo detalhe a ser mencionado se refere ao livro conhecido como Sabedoria de Salomão. Há muito é usual entre os eruditos declarar que este livro simplesmente ensina a imortalidade da alma ao invés de ressurreição. Os versículos iniciais do capítulo três são citados neste sentido:

As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus, tormento algum os atingirá. Aos olhos dos insensatos passaram por mortos; sua partida pareceu uma desgraça e seu afastamento uma catástrofe; entretanto, eles estão na paz! (3:1-3)

Contudo a passagem continua poucos versos depois:

No momento, porém, em que Deus intervir, eles resplandecerão e correrão como centelhas na palha. Julgarão as nações e dominarão os povos, e o Senhor reinará sobre eles para sempre. (3:7-8)

Estes judeus justos que foram martirizados pelas mãos dos pagãos estão neste momento em paz, seguros com Deus, mas a imortalidade de suas almas é apenas um prelúdio para que se levantem novamente e sejam colocados em posição de autoridade sobre os reinos da terra, dentro do único reino de Deus. O que a passagem oferece, além da outra evidência que consideramos brevemente, é uma explicação daquilo que acontece com os justos mortos no intervalo entre sua tortura e morte e seu ressurgimento: suas almas estão sob os cuidados de Deus.

A ressurreição pertence, então, à visão revolucionária de mundo do Judaísmo do Segundo Templo. Que papel ela exerce dentro da esperança judaica da vida após a morte? Havia dentro do judaísmo um espectro considerável de crenças e especulações sobre o que aconteceria aos mortos em geral e aos judeus mortos em especial. Em um extremo estavam os saduceus, que aparentemente negavam qualquer doutrina de existência post-mortem (Marcos 12:18; Josefo, War 2:165). Em outro, estavam os fariseus que afirmavam uma existência corporal futura, e que aparentemente começaram, pelo menos, a desenvolver teorias sobre como as pessoas continuariam a existir no intervalo entre a morte física e a ressurreição física. E há mais opções. Alguns escritos falam de almas em bênção desincorporada, alguns especulam sobre almas como seres angélicos ou astrais, e assim por diante. Nós não podemos, então, simplesmente afirmar que gregos acreditavam na imortalidade e

2 Ver mais em N. T. Wright, *Christian Origins and the Question of God*, vol. 2: *The New Testament and the People of God* (London: SPCK; Minneapolis: Fortress, 1992) 189-99.

judeus na ressurreição. As coisas nunca foram tão simples.

A razão pela qual os saduceus eram contrários não apenas à ressurreição mas a qualquer noção de uma vida futura é muito interessante. Primeiro, eles insistiam que as tradições não continham esta doutrina nova e supérflua e que a ressurreição não era ensinada na própria Torah. Mas eles foram além. Ressurreição era uma doutrina revolucionária, que tinha a ver com crenças firmemente mantidas sobre o clímax vindouro da história de Israel. Era justamente o tipo de coisa, do ponto de vista dos saduceus, que aqueles fariseus agitadores de classe baixa *desejariam* adotar para sustentar seus sonhos revolucionários sobre a virada da ordem existente e o estabelecimento do reino de Deus. O principal objetivo dos saduceus não era assegurar a própria sobrevivência deles em uma vida futura, mas negar uma doutrina que lhes parecia (acertadamente) desafiar a sobrevivência de seu poder dentro da ordem presente e dentro de quaisquer mudanças na mesma³.

Eu falei antes sobre o estado intermediário entre morte e ressurreição. Como acabamos de ver, Sabedoria de Salomão fala das almas dos justos estando na mão de Deus, aguardando o dia quando eles se levantarão novamente e governarão nações e reinos. Alternativamente, os mortos, ou pelo menos os justos mortos, eram imaginados como continuando a viver antes de sua ressurreição em um estado comparável ao estado de anjos ou espíritos. Neste contexto, além de vários textos judeus não cristãos, é interessante notar uma passagem em Atos 12, na qual a escrava Rode ouve Pedro batendo à porta e lhe falando e, ao invés de abrir a porta, ela corre e conta à assembléia. Eles dizem, interessantemente, “Então é o seu anjo”. Eles assumem que Pedro havia sido executado na prisão, que havia entrado em um estado desincorporado entre morte e ressurreição, e que nesta forma ele lhes havia feito um tipo de visita post-mortem que várias pessoas em várias culturas têm experimentado quando alguém próximo a eles morre. Tal visita é inteiramente compreensível em termos do “anjo” de uma pessoa.

Meu ponto aqui é que judeus neste período tinham idéias razoavelmente bem desenvolvidas sobre um estado intermediário – ou pelo menos sobre uma gama de conceitos e vocabulário à mão com o que se referir a tal estado. É claro que se alguém não acreditasse em uma ressurreição futura, acreditando ao invés em uma imortalidade desincorporada contínua, aquilo que um fariseu consideraria como estado intermediário seria considerado como estado final. Mas se um judeu do primeiro século dissesse que alguém havia sido “ressuscitado dentre os mortos” aquilo que ele *não* estaria afirmando era que tal pessoa tinha ido para uma bênção desincorporada, ou para descansar para sempre ou para esperar até o grande dia da reincorporação.

Isto pode ser facilmente testado ao perguntar se alguém em 150 AC que acreditava apaixonadamente que os mártires macabeus eram israelitas justos e verdadeiros, ou alguém em 150 AD que acreditasse que Simão ben-Kosiba era o verdadeiro Messias (se tal pessoa existiu), teria dito que eles, ou ele, haviam

³ Para mais informações sobre a negação dos saduceus da ressurreição, ver Wright, *New Testament and the People of God* (London: SPCK; Minneapolis: Fortress, 1992) 211-212.

ressuscitado dentre os mortos, querendo com isto indicar simplesmente que a causa deles era de fato justa e que eles estavam vivos em um lugar de honra na presença de Deus. A resposta é óbvia. Alguém na posição que descrevemos poderia bem ter dito que os mártires, ou ben-Kosiba, estavam vivos na forma de um anjo ou um espírito, ou que suas almas estavam nas mãos de Deus, mas eles não teriam sonhado em dizer que eles já haviam ressuscitado dentre os mortos. Ressurreição significa incorporação; mais, *implica que a nova era despontou*. Ninguém sugeriu que os mártires haviam sido reincorporados. Ninguém sugeriu que a nova era havia despontado – exceto, é claro, os cristãos, o que será meu ponto em poucos minutos.

Não há então uma esperança única sobre o futuro, universalmente aceita e comumente articulada, no Judaísmo do Segundo Templo. Permanece provável, contudo, que a crença farisaica, o seu modo de contar a estória, era popular para muitos judeus. De qualquer maneira, quão largo o espectro possa ter sido e quantas posições diferentes judeus tenham assumido, “ressurreição” sempre denota uma posição dentro daquele espectro. “Ressurreição” não era um termo para “vida após a morte” em geral. Sempre significava reincorporação.

O Início do Cristianismo

Tendo examinado muito brevemente um elemento do quebra-cabeça histórico, o pilar na margem judaica do rio, precisamos agora voltar nossa atenção para a outra margem, o pilar cristão primitivo. Então, ao olhar para os dois pilares juntos, deveríamos estar em posição de afirmar que tipo de ponte poderia concebivelmente ligar as duas estruturas à primeira vista tão similares e tão diferentes.

Há três aspectos nesta investigação. O Cristianismo surgiu como um movimento pelo reino-de-Deus, como um movimento messiânico e como um movimento de ressurreição. Em cada caso, isto oferece uma considerável charada para o historiador. Ao considerar cada um destes três aspectos, meu argumento seguirá três passos. Primeiro, examinarei o caminho no qual o Cristianismo começou como um movimento do tipo em questão. Segundo, revisitarei o Judaísmo para questionar com o que se pareciam tais movimentos e o que eles esperavam. Terceiro, mostrarei que as diferenças marcantes entre os movimentos relevantes no Judaísmo e o movimento aparentemente equivalente no Cristianismo exigem um tipo especial de explicação.

Um Movimento pelo Reino-de-Deus

Os três passos neste caso particular podem ser resumidos da seguinte forma. Primeiro, o Cristianismo primitivo surgiu como um movimento pelo reino-de-Deus. Segundo, reino-de-Deus no Judaísmo tinha certos significados especiais. Terceiro, desde que tais significados não se concretizaram, precisamos perguntar por que os primeiros cristãos disseram, ainda assim, que o reino de Deus havia sido de fato trazido à terra.

Primeiro, então, o Cristianismo pensava em si mesmo como um movimento pelo reino-de-Deus (Marcos 1:14-15). Já pelo tempo de Paulo a frase

“reino de Deus” e seus equivalentes tinham se tornado mais ou menos um resumo para o movimento, seu modo de vida, e sua *raison d'etre* (Rom. 14:17; 1 Cor. 4:20, 6:9-10, 15:50; Gal. 5:21; 1 Tess. 2:12). Já estava emaranhado na estrutura do pensamento cristão primitivo. A maneira que Paulo o usa mostra que era um nome comum dentro do Cristianismo primitivo e que pertencia ao mundo judaico do qual falei. Os primeiros cristãos contaram a estória do reino como sua própria estória. Eles reordenaram suas vidas – no caso de antigos pagãos, drasticamente – em torno do novo universo simbólico no qual a esperança judaica de “nenhum rei a não ser Deus” havia se realizado através de Jesus o Messias. Eles se engajaram em uma prática que afirmava que havia uma nova maneira de ser humano, um caminho que correspondia às exigências deste reino. Este é o primeiro passo deste primeiro estágio em meu argumento.

O segundo passo, então, é considerar o que “reino de Deus” significava no Judaísmo (um grande tópico, é claro, que aqui apenas resumiremos breve e inadequadamente). Dentro do Judaísmo a vinda do reino de Deus significava o fim do exílio de Israel, a derrota de um império pagão e a exaltação de Israel, e o retorno de YHWH a Sião para julgar e salvar. Estes são os assuntos que emergem da grande profecia do reino, Isaías 40-55, e de numerosos salmos e outras partes das escrituras hebraicas. E, como Josefo deixa claro, nos dias de Jesus a convicção de que “o único Rei e Senhor” era Deus era uma marca especial dos revolucionários (Ant. 18:23).

Para um judeu do Segundo Templo, então, a vinda do reino não era sobre uma experiência existencialista privada ou gnóstica mas sobre eventos públicos. De modo muito específico, sobre a libertação de Israel. De modo mais geral, era sobre a vinda da justiça e libertação de Deus para o cosmos inteiro. Assim, se você tivesse dito a um judeu do primeiro século, “O reino de Deus está aqui”, e tivesse se explicado falando sobre uma nova experiência espiritual, uma nova sensação de perdão, ou uma excitante reordenação de sua interioridade religiosa privada, ele ou ela poderia até dizer que estavam felizes por você ter tido esta experiência, mas por que você se refere a ela como o reino de Deus? Este, então, é o segundo passo do primeiro estágio no argumento.

O terceiro passo é colocar estes dois movimentos juntos e notar o contraste. É claro que, o que quer que os primeiros cristãos tenham dito, o reino de Deus não veio da maneira que os judeus do primeiro século imaginavam. Israel não foi libertado, o Templo não foi reconstruído, e – olhando para o cosmos – mal, injustiça, dor e morte ainda estavam claramente presentes. A questão se mantém, então: por que os primeiros cristãos disseram que o reino de Deus havia vindo?

Uma resposta possível é esta: os primeiros cristãos alteraram o significado da frase tão radicalmente que agora ela se referia não a um estado político de coisas mas a um estado interno ou espiritual. Eles pegaram o significado apocalíptico corrente em seu mundo e o demitologizaram, dejudaizaram, espiritualizaram ou o helenizaram. Mas isto é simplesmente falso em relação ao Cristianismo primitivo. Os primeiros cristãos agiam como se o reino de Deus ao estilo judaico estivesse realmente presente: eles organizaram suas vidas como se realmente

fossem o povo que retornou do exílio, o povo da nova aliança. Quando eles falavam de uma nova realidade interna ou “espiritual”, eles usavam a linguagem não do reino de Deus, mas do novo coração, da habitação do espírito, e assim por diante.

A questão histórica fica assim posta: o que no mundo (e eu quero dizer no *mundo*) teria feito com que eles agissem, falassem e pensassem desta forma? Por que, de fato, eles *não* continuaram o tipo de revolução pelo reino que eles imaginavam que Jesus lideraria? Como explicamos o fato que o Cristianismo primitivo não era nem um movimento nacionalista judaico nem uma experiência existencial privada? Como explicamos o fato assegurado, de dentro da visão de mundo judaica, de que o *eschaton* havia chegado, mesmo não se parecendo com o que eles imaginavam que se pareceria? A resposta cristã primitiva era, é claro, que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos. Que era por isto que eles diziam que o reino havia vindo e que a nova era havia despontado.

Isto nos leva ao segundo estágio no argumento.

Um Movimento Messiânico

Em outra ocasião argumentei que o Cristianismo era desde o início um movimento messiânico⁴. Deixe-me resumir o caso como o primeiro passo neste segundo estágio de meu argumento.

Para começar, as fontes cristãs mais antigas que temos falam de Jesus como Messias. De acordo com Atos, esta afirmação era central na proclamação primitiva de que Deus havia feito Jesus “Senhor e Cristo” (3:36). Para Paulo, eu argumentei em outra ocasião, o caráter messiânico de Jesus permaneceu central e explícito⁵. Mas mesmo que você insista que pelo tempo de Paulo a palavra *Christos* tinha se tornado simplesmente um nome próprio com umas poucas memórias messiânicas ligadas a ele, você não pode fugir da conclusão de que o antigo fariseu Paulo, dentro de trinta anos da morte de Jesus, estava se referindo a Jesus como *Christos* – e especialmente se ele o estava fazendo sem prestar atenção ao significado judaico daquela palavra – o que mostra apenas quão firmemente dentro da mais antiga tradição a idéia do caráter messiânico de Jesus havia sido sustentada. Como explicamos tudo isso? Por que eles disseram que Jesus era o Messias?

Vários eruditos reconheceram há muito que a ressurreição sozinha não pode explicar porque os primeiros cristãos consideraram Jesus como Messias. Se alguma outra pessoa que não Jesus tivesse ressuscitado dentre os mortos, não há razão para supor que os contemporâneos dele ou dela considerariam esta pessoa como Messias. Nós precisamos, então, procurar a razão para a execução messiânica de Jesus, crucificado como ele foi com as palavras “rei dos judeus” sobre sua cabeça. Em *Jesus and the Victory of God*, eu argumentei que isto, por sua vez, nos força a olhar ainda mais para trás e ver algumas das ações simbólicas principais de Jesus,

4 Ver Wright, *New Testament and the People of God*, 309-10.

5 Ver N.T. Wright, *The Climax of the Covenant: Christ and the Law in Pauline Theology* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1991; Minneapolis: Fortress, 1992) 41-55.

visivelmente sua ação no Templo, e alguns de seus enigmas e parábolas principais, como implícita e também explicitamente messiânicas⁶. (Deixe-me reforçar, no caso de haver confusão, que no Judaísmo do segundo Templo a palavra “messias” não carregava conotações daquilo que chamaríamos de “divindade”.) Novamente, mesmo que você discorde e queira insistir que Jesus veio a ser considerado Messias apenas em sua ressurreição, isto, se de alguma validade, apenas afia a lâmina do meu argumento ainda mais.

Meu ponto é – para ir para o segundo passo neste estágio de meu argumento – um judeu do primeiro século, frente à crucificação de um pretense messias, ou mesmo de um profeta que tivesse liderado um significativo número de seguidores, normalmente *não* concluiria que aquela pessoa era o Messias e que o reino havia vindo. Ele ou ela normalmente concluiria que ele não era e que o reino não havia vindo.

Havia, com certeza, muitas variações na crença messiânica judaica deste período. Nenhuma delas imaginava um Messias que morreria pelas mãos dos pagãos. Ao contrário, onde realmente havia expectativas judaicas de um Messias, elas regularmente possuíam um foco duplo. Em uma linha de tradição presente de Davi a Bar-Kochba, incluindo os Macabeus e Herodes, vemos que o rei teria de derrotar os pagãos, e que teria de reconstruir (ou pelo menos purificar) o Templo. As duas ações, é claro, corriam juntas: enquanto os pagãos permanecessem não derrotados, YHWH não teria retornado a Sião, presumivelmente porque sua casa não estava pronta. Se um messias fosse morto pelos pagãos, especialmente se ele não tivesse reconstruído o Templo ou libertado Israel, este era o mais seguro sinal de que ele era mais um em uma longa linha de *falsos* messias.

É muito claro o seguinte. Se o messias a quem você seguia fosse morto pelos pagãos, você se encontraria frente a uma escolha entre dois cursos de ação. Você poderia desistir da idéia toda de revolução e abandonar o sonho de libertação. Alguns foram por este caminho, visivelmente, é claro, o movimento rabínico como um todo após 135 AD. Ou você poderia encontrar um novo messias, se possível da mesma família do lamentado messias anterior. Alguns foram por este caminho: por testemunha, o movimento que continuou da família de Judas, o Galileu, em 6 AD até seus filhos e netos nos década de 50; até outro descendente, Menahem, durante a guerra de 66-70; e até outro descendente, Eleazor, que foi o líder dos desafortunados Sicários em Masada em 73⁷.

Mais uma vez, sejamos claros. Se, após a morte de Simão bar-Giora no triunfo de Tito em Roma, ou se, após a morte de Simeão ben-Kosiba em 135, você tivesse afirmado que Simão, ou Simeão, realmente era o Messias, você conseguiria uma resposta apropriadamente dura de um judeu comum do primeiro século. Se, como explicação, você afirmasse ter experimentado uma forte sensação de Simão, ou

6 Wright, *Jesus and the Victory of God*, chapter 11.

7 Ver Martin Hengel, *The Zealots: Investigations into the Jewish Freedom Movement in the Period from Herod I until 70 A.D.*, David Smith, trans. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1989 [2nd edition, revised, 1976]) 331-32.

Simeão, ainda estando com você, ainda o apoiando e liderando, a resposta mais bondosa que você poderia esperar era que seu anjo ou espírito ainda estava se comunicando com você – não que ele havia ressuscitado dentre os mortos. Até onde sabemos, os seguidores dos movimentos messiânicos ou quase messiânicos do primeiro século eram fanaticamente comprometidos com a causa. Deles, se de alguém, se esperaria que sofressem de alguma dissonância cognitiva depois da morte de seu grande líder. Contudo, em nenhum outro caso, de um século antes de Jesus até um século depois dele, ouvimos falar de algum grupo judaico dizendo que seu líder executado havia ressuscitado dentre os mortos.

Assim – e aqui está o terceiro passo no segundo estágio de meu argumento – uma vez que Jesus de Nazaré foi certamente crucificado como um rei rebelde, é extremamente incomum que os primeiros cristãos não apenas insistissem que ele era realmente o Messias, mas reordenassem sua visão de mundo, sua *praxis*, suas estórias, símbolos e teologia em torno desta crença.

Eles tinham, afinal, as duas opções normais disponíveis. Eles podiam simplesmente voltar para a pescaria, felizes por terem fugido de Jerusalém com vida. Eles podiam ter mudado para uma outra abordagem, desistido do messianismo (como fizeram os rabis após 135), e formulado algum tipo de religião privada, fosse de intensificação de observação da Torah, *gnosis* privada, ou alguma outra coisa. Eles visivelmente não fizeram isto. Algo menos parecido com uma religião privada do que se dirigir ao mundo pagão dizendo que Jesus era o Messias de Israel seria difícil de imaginar.

Do mesmo modo, e talvez ainda mais interessante, eles poderiam ter encontrado um novo messias dentre os parentes de sangue de Jesus. Isto não é, penso eu, normalmente considerado. E merece ser. Nós sabemos de várias fontes que os parentes de Jesus eram importantes e bem conhecidos dentro da igreja primitiva. Um dos mais próximos, seu irmão Tiago, embora não fizesse parte do movimento durante a vida de Jesus, parece de fato ter se tornado o homem principal em Jerusalém enquanto Pedro e Paulo estavam viajando pelo mundo (Atos 12:17; 15:13, 21:18; Gal. 1:19, 2:9). Tiago era considerado na igreja primitiva como a pessoa no centro, geográfica e teologicamente. Ainda assim – e esta é a pista principal, como o cachorro de Sherlock Holmes que não latiu à noite – *ninguém no Cristianismo primitivo jamais sonhou dizer que Tiago era o Messias*. Nada teria sido mais natural, especialmente pela analogia com a família de Judas, o Galileu. Ainda, Tiago era simplesmente conhecido como “o irmão do Senhor” (Gal. 1:19; cf. Marcos 6:3).

Nós precisamos perguntar, então, mais uma vez: por que o Cristianismo começou, sem falar em que continuou, como um movimento messiânico, quando seu Messias tão claramente não apenas deixou de fazer aquilo que se esperava que um Messias fizesse mas sofreu um destino que devia mostrar conclusivamente que ele não poderia ter sido o ungido de Israel? Por que este grupo de judeus do primeiro século, que tinham acalentado esperanças messiânicas e as centralizado em Jesus de Nazaré, não apenas continuaram a crer que ele era o Messias apesar de sua execução, mas ativamente o anunciaram como tal tanto ao mundo pagão como ao

mundo judaico, alegremente redesenhando o quadro do messianismo em torno dele, mas se recusando a abandoná-lo? A resposta que eles deram, consistentemente por toda a evidência que possuímos, era que Jesus, após sua execução sob a acusação de ser um pretenso Messias, havia ressuscitado dentre os mortos.

Antes de examinar o que eles queriam dizer com isso, devemos olhar para o terceiro, e claramente o mais importante, dos três estágios dentro do presente argumento.

Um Movimento de Ressurreição

O Cristianismo começou como um movimento de ressurreição. Como já destaquei, não há evidência de uma forma de Cristianismo primitivo na qual a ressurreição não fosse a crença central, como se fosse acrescentada ao Cristianismo à força. A ressurreição era a força motora central, dando forma ao movimento inteiro. Em especial, podemos ver entretecida na teologia cristã mais antiga que temos – a de Paulo, é claro – a crença de que a ressurreição tinha em princípio acontecido e que os seguidores de Jesus tinham de reordenar suas vidas, suas narrativas, seus símbolos, e sua *praxis* de acordo (ver, classicamente, Rom. 6:3-11).

Quero aqui notar, em particular, um fenômeno interessante. Este pensamento sobre a ressurreição têm uma precisão e consistência marcantes. Diferente das crenças judaicas que observamos anteriormente, desde o início o reuso cristão da linguagem sobre a ressurreição é admiravelmente livre de especulações vagas e gerais. É simples e claro: ressurreição significa atravessar a morte e sair do outro lado em um novo modo de existência. Esta posição toda é compreensível apenas dentro do mundo de pensamento do Judaísmo, mas é muito mais preciso do que qualquer coisa que o Judaísmo não cristão tinha produzido naquele estágio.

O Cristianismo começou, então, como um movimento de ressurreição. Esta é o primeiro passo no terceiro estágio de meu argumento.

O segundo passo se constrói sobre o que eu estava dizendo na primeira parte desta palestra sobre as expectativas judaicas da ressurreição. Como vimos, “ressurreição” no Judaísmo do Segundo Templo funcionava dentro de uma narrativa controladora sobre exílio e restauração, e sobre o sofrimento e vindicação dos mártires. Deixe-me lembrá-los: sua vida começou como uma metáfora para o retorno do exílio, a renovação da aliança e a purificação de Israel de seus pecados. Referia-se à “ressurreição” de várias formas, e ela ocupou seu lugar dentro de uma grande intervalo de especulação sobre o futuro da humanidade em geral e de Israel em particular após sua efetiva morte corporal. A ressurreição dos mortos era assim um símbolo para a vinda da nova era e também, em si mesma, tomada literalmente, um elemento central no pacote: quando YHWH restaurasse a fortuna de seu povo, então é claro, Abraão, Isaque e Jacó, junto com todo o povo de Deus e incluindo os mártires que tinham morrido pela causa, seriam reincorporados, levantados para uma nova vida no novo mundo de Deus. Onde os judeus do Segundo Templo acreditavam em ressurreição, então, a crença se referia, de um lado, à reincorporação de seres humanos

anteriormente mortos, e, por outro lado, à inauguração da nova era, à nova aliança, na qual os justos mortos seriam levantados simultaneamente. Ressurreição significava que os mortos voltariam novamente à vida com corpos renovados e a Era Vindoura teria afinal sido inaugurada.

Assim, se a qualquer hora nesta época você dissesse a um judeu, “A ressurreição aconteceu!” você receberia a resposta confusa (ou irritada) de que obviamente não havia, uma vez que os patriarcas, os profetas, e mártires não estavam andando por aí vivos novamente, e que a restauração falada em Ezequiel 37 claramente também não tinha acontecido – sem mencionar as grandes profecias de Isaías e dos demais. E se, como explicação, você tivesse dito que você não queria dizer tudo aquilo, que o que você queria dizer era que você tinha experimentado uma maravilhosa sensação de perdão e cura divinos, ou que você acreditava que o antigo líder de seu movimento estava vivo na presença de Deus após sua tortura vergonhosa e morte, seu interlocutor poderia ter lhe congratulado por ter tal experiência, e discutido com você tal crença, mas ele ou ela ainda estariam confusos sobre por você ter falado de “ressurreição dos mortos” ao se referir a estas coisas. Estas coisas simplesmente não eram aquilo sobre o que era “a ressurreição dentre os mortos”.

No entanto – e este é o terceiro passo neste terceiro estágio do argumento – muito embora, como destacamos, a nova era *não* tivesse se iniciado da maneira que os judeus do primeiro século imaginavam, e a ressurreição de todo o povo de Deus não tivesse acontecido, ainda assim a igreja mais antiga persistia em afirmar abertamente não apenas que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos mas também que a “ressurreição dos mortos” tinha acontecido. E mais, como observamos, membros da igreja ativamente redesenharam sua visão de mundo – sua *praxis* característica, suas histórias controladoras, seu universo simbólico e sua teologia básica – sobre este novo ponto fixo. Eles se comportavam, em outras palavras, como se a nova era *tivesse* já chegado. Esta era a lógica interna à missão aos gentios: desde que Deus havia feito para Israel o que ele ia fazer para Israel, os gentios iriam finalmente participar da bênção (Isa. 66:18-23; Zac. 14:16). Eles não se comportavam como se tivessem um novo tipo de experiência religiosa ou como se seu antigo líder estivesse vivo e bem na presença de Deus, fosse como um anjo, um espírito ou o que quer que fosse. A única explicação para seu comportamento, suas histórias, seus símbolos e sua teologia é que eles realmente acreditavam que Jesus tinha ressuscitado corporalmente dentre os mortos. Esta conclusão está tão bem sustentada, hoje, que mesmo aqueles que gostam de insistir que o corpo de Jesus de fato permaneceu se decompondo na tumba concordam que os primeiros cristãos acreditavam que ele havia ressuscitado corporalmente, deixando uma tumba vazia para trás.

Conclusões: as Questões e as Opções

Eu argumentei que o Cristianismo começou como um movimento reconhecivelmente judaico do primeiro século: era um movimento pelo reino-de-Deus, um movimento messiânico e um movimento de ressurreição. O contexto judaico para todos estes movimentos apontavam certas expectativas que decididamente não haviam se cumprido. De fato, a crucificação de Jesus era o

símbolo de esperança não apenas derrotada mas esperança esmagada e dizimada. O historiador se vê forçado, então, a procurar uma explicação não apenas para porque o Cristianismo começou em primeiro lugar, mas também porque tomou a forma que tomou. Na parte final desta palestra, deixem-me rapidamente revisar algumas das opções que foram sustentadas sobre este assunto.

Há, para começar, algumas falsas trilhas bem conhecidas. Algumas, por exemplo, sugeriram que Jesus não morreu realmente na cruz. Contra todos os proponentes desta assim chamada teoria do desmaio, como tem sido chamada muitas vezes, precisamos reforçar que os romanos sabiam como matar pessoas. O reaparecimento de um Jesus em mal estado e exausto dificilmente teria sugerido que ele havia atravessado a morte e chegado ao outro lado, que o reino de Deus havia de fato chegado, que “a ressurreição” havia ocorrido, e que ele era de fato o Messias que tinha derrotado os inimigos de Deus e que reconstruiria o Templo.

Da mesma forma, muitas pessoas produziram teorias fantásticas e entusiásticas para explicar que Jesus não ressuscitou realmente dentre os mortos nem deixou uma tumba vazia para trás. Estou pensando em um livro chamado *The Tomb of God*, publicado dois anos atrás, que termina dizendo que os ossos de Jesus agora jazem em uma tumba selada no sudoeste da França⁸.

Dentre as mais sérias objeções à ressurreição de Jesus - e talvez a mais famosa neste século - seja a de Rudolf Bultmann. Em uma passagem muito discutida, Bultmann afirma que a linguagem sobre ressurreição da igreja primitiva era usada para denotar não um evento separado a crucificação mas a fé dos primeiros discípulos em que a crucificação não era uma trágica derrota mas um ato divino de salvação. Páscoa é sobre o surgimento, não de Jesus, mas da fé da igreja primitiva⁹.

Meu argumento inteiro até aqui vai fortemente contra isto. Se pensarmos em termos de Judaísmo do primeiro século, é impossível conceber que tipo de experiência religiosa ou espiritual alguém poderia ter que o faria dizer que o reino de Deus havia chegado quando claramente tal não aconteceu, que um líder crucificado era o Messias quando ele obviamente não o era, ou que a ressurreição havia acontecido no mês passado quando obviamente não havia. Por mais forte que fosse o sentimento dos discípulos de que Jesus havia sido vindicado, de que eles tivessem sido perdoados, o ou o que quer que fosse, eles ainda assim não diriam que ele havia ressuscitado dentre os mortos. Eles poderiam, talvez, ter escrito uma nova versão de 2 Macabeus 7. Eles poderiam ter sugerido que Jesus havia previsto sua própria ressurreição. Eles não teriam dito que isto de fato já havia acontecido.

A falta de pensar em termos do primeiro século também viciou aqueles que ofereceram variações sobre o esquema de Bultmann. Edward Schillebeeckx, por

8 Richard Andrews. *The Tomb of God: The Body of Jesus and the Solution to a 2000-Year-Old Mystery* (Boston and London: Little, Brown, 1996).

9 Ver Rudolf Bultmann, “New Testament and Mythology: The Mythological Element in the Message of the New Testament and the Problem of its Re-interpretation,” in *Kerygma and Myth: A Theological Debate*, Hans Werner Bartsch, ed., Reginald H. Fuller, trans. (London: SPCK, 1953), 38-43.

exemplo, declara que quando os discípulos foram à tumba, suas mentes estavam tão preenchidas com a luz que não importava se havia ou não um corpo lá. O que aconteceu nas aparições da Páscoa foi uma conversão a Jesus como Cristo, que agora veio para eles como luz do mundo, e esta era a “iluminação” pela qual os discípulos eram “justificados”¹⁰.

Schillebeeckx aprimora a sugestão de Bultmann com uma mais precisa; que os discípulos, que foram vencidos por sentimentos profundos de culpa por terem fugido e abandonado Jesus, experimentaram na manhã da Páscoa, um sentimento maravilhoso de perdão de Deus e da contínua presença de Jesus. Isto se tornou o início, então, da experiência caracteristicamente cristã de experimentar o perdão de Deus e/ou de experimentar a presença de Jesus¹¹.

O problema com isto é que se você tivesse dito a um judeu ou judia do primeiro século que você tinha tido uma experiência maravilhosa do perdão (ou amor e graça) de Deus, ele ou ela teriam se agradado de você. Mas se você fosse além e dissesse que o reino havia chegado, que um líder crucificado era o Messias ou que a ressurreição havia acontecido, eles ficariam profundamente confusos se não ofendidos. Esta linguagem simplesmente não é sobre experiências privadas, mesmo experiências privadas comunicáveis. É sobre escatologia, sobre alguma coisa acontecendo na história que resultaria em um mundo agora sendo um lugar muito diferente. Nem Bultmann nem Schillebeeckx podem explicar a partir dos textos o surgimento do Cristianismo como o conhecemos.

Um novo desdobramento foi dado à hipótese de Bultmann por Gerd Lüdemann¹². Ele sugere que Pedro estava tão profundamente entristecido pela morte de Jesus que ele experimentou o que, como notamos anteriormente, pessoas em tal estado freqüentemente relatam: uma sensação da presença amorosa da pessoa há pouco falecida, talvez uma sensação desta pessoa estar mesmo lhe falando e animando. Pedro, então, Lüdemann quer que acreditemos, comunicou esta experiência aos outros, que foram espontaneamente preenchidos com alegria pela idéia de que Jesus estivesse ainda vivo¹³. Paulo, por sua vez, experimentou a sorte oposta de alucinação: tendo se oposto veementemente ao novo movimento, ele foi vencido pela culpa e experimentou uma fantasia induzida pela culpa que ele, também, foi capaz de compartilhar com outros até conseqüências marcadamente poderosas.

Minha resposta a esta proposta é (a) que é exigida uma enorme credulidade para supor que, mesmo concedendo que Pedro e Paulo tenham tido tais fantasias ou alucinações, eles teriam gerado mais do que um comentário passageiro de simpatia entre seus colegas ou contemporâneos; (b) que teorias psicológicas deste tipo – sobre pessoas de dois mil anos atrás em uma cultura diferente – são, no melhor dos casos, não prováveis e, no pior, sobremodo fantásticas. Mas, e o mais importante, (c) a

10 Edward Schillebeeckx, *Jesus: An Experiment in Christology*, Huber Hoskins, trans. (New York: Crossroad, 1979), 384.

11 Schillebeeckx, *Jesus*, 380-97.

12 Gerd Lüdemann, *The Resurrection of Jesus: History, Experience, Theology*, John Bowden, trans. (London: SCM, 1994).

13 Lüdemann, *Resurrection of Jesus*, 95-100, 176-77.

proposta simplesmente não faz sentido dentro do mundo do Judaísmo do primeiro século.

Como vimos da estória de Rode em Atos 12, judeus do primeiro século sabiam sobre visitas post-mortem de amigos falecidos há pouco, e tinham já prontos sistemas de linguagem para falarem sobre tais fenômenos. “Então é o seu anjo”, eles disseram, quando eles pensaram que estavam tendo uma visita deste tipo por parte de Pedro. Eles não disseram que Pedro havia ressuscitado dentre os mortos. Para falar de outra forma, se nós fôssemos membros daquele grupo de Atos 12, e alguém nos avisasse de um recém executado Pedro como uma presença espiritual ou fantasmagórica conosco, nós teríamos concluído, certamente, que Pedro agora estava vivo com Deus. Mas nós ainda teríamos pensado sobre a necessidade de reclamar seu corpo para o enterro no dia seguinte, e nós ainda acreditaríamos que lhe estava reservado ser ressuscitado, junto com o restante do povo de Deus, no último dia.

Veja, seria muito natural para judeus do primeiro século, especialmente se eles já pertenciam a um movimento pelo reino-de-Deus, dizer de um líder que havia sofrido a pena capital nas mãos das autoridades, que sua alma estava na mão de Deus, que ele estava vivo para Deus, que ele tinha sido exaltado ao paraíso e que ele estava entre os justos que haviam sido injustamente assassinados que se levantariam novamente para governar o mundo na boa hora designada por Deus. (É isto, é claro, o que Sabedoria 3:1-9 diz.) E se os seguidores de Jesus tivessem de fato experimentado uma sensação de que Jesus estava vivo em uma forma não física, e mesmo que ele estivesse presente com eles de alguma forma, é desta forma que eles o teriam expressado. Mas ao fazer isto, eles não teriam afirmado (para destacar o ponto novamente) que o *eschaton*, o esperado reino de Deus, tinha chegado; eles *não* teriam dito que seu líder crucificado era o Messias; e acima de tudo, eles não teriam dito que ele havia ressuscitado dentre os mortos ou que “a ressurreição dos mortos” tivesse agora ocorrido.

Em especial, nós não temos razão para supor que após a crucificação de um pretense messias alguém imaginaria que ele tinha sido exaltado para um lugar de soberania mundial ou senhorio divino. Ninguém, até onde sabemos, jamais sugeriu que tal fosse o caso após as mortes de Judas, o Galileu, Simão bar-Giora, ou Simeão ben-Kosiba. Na verdade, o mais provável é que tal sugestão teria sido considerada, no melhor dos casos, ridícula e, no pior, escandalosa. A falha de tais homens de liderar um movimento messiânico *de sucesso* os eliminou de considerações subseqüentes como candidatos a tal posição. Mesmo que alguém tivesse feito tal sugestão, contudo, ele não teria ido além e afirmado que esta pessoa tivesse “ressuscitado dentre os mortos”. A crença *apenas* na exaltação não levaria, no mundo do Judaísmo do primeiro século, à crença na ressurreição. Se, ao contrário, imaginarmos que os seguidores de um pretense messias crucificado *primeiro* vieram a acreditar que ele tinha ressuscitado corporalmente dentre os mortos, então podemos traçar uma linha clara pela qual eles subseqüentemente vieram a acreditar que ele devia ser o Messias. E se ele era o Messias, então ele também era o soberano mundial prometido nos Salmo 89 e em Daniel 7, e então ele fora exaltado sobre o mundo e assim por diante. Todos os nossos textos sugerem que esta exatamente era a linha de pensamento que os

primeiros cristãos seguiram.

É óbvio que eu tratei apenas de uma pequena fração das teorias que foram apresentadas sobre o que aconteceu na Páscoa, mas eu espero ter dito o suficiente para mostrar que os proponentes de qualquer teoria em que o corpo de Jesus tenha permanecido na tumba enquanto os cristãos diziam que a ressurreição tinha acontecido têm uma formidável tarefa pela frente, em termos, simplesmente, de história do primeiro século. O que nós encontramos, ao invés, é a afirmação cristã primitiva universal que Jesus tinha atravessado a morte e chegado ao outro lado, não apenas em algum estado intermediário ou existência desincorporada, mas que seu corpo tinha sido transformado de uma maneira para a qual eles, seus seguidores, estavam muito despreparados, mas com a qual eles tiveram de se acostumar. E eles deram esta como a resposta a por que eles acreditavam que seu anúncio do reino tinha atingido seu clímax, seu cumprimento, em sua morte e ressurreição. Eles deram esta como a razão pela qual eles continuaram a considerá-lo o Messias apesar de sua morte vergonhosa. Eles deram esta como a razão para dizer que “a ressurreição” tinha em princípio acontecido. E mais, eles teceram esta crença tão firmemente em sua teologia, sua *praxis*, suas histórias, e seus símbolos que (a menos que estejamos dispostos a parar de escrever história e começar ao invés a escrever fantasia) nós não podemos imaginar sua comunidade sem ela.

Eu proponho, assim, como resultado deste tratamento em linhas gerais do Judaísmo do Segundo Templo e do Cristianismo primitivo, que não há, de fato, outra solução para o problema histórico do que concluir que alguma coisa notável aconteceu ao corpo de Jesus. Nenhuma outra ponte levará o historiador de um pilar do rio para o outro.

Mas o que aconteceu, e como os primeiros cristãos o descreveram? É esta a questão da qual nos ocuparemos na segunda palestra, ao olharmos com mais detalhes o surgimento do Cristianismo à luz dos textos chave de Paulo e dos evangelhos.